

historia: fronteiras



Vol. I

Eunice Nodari
Joana Maria Pedro
Zilda M. Gricoli Iokoi
(organizadoras)



Volume I

História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

Humanitas
FFLCH/USP

1999

O NACIONALISMO EM RIVA AGÜERO: A IDÉIA DE *PERUANIDAD*

Lúcio Flávio Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba

Diante da formação clássica que Riva Agüero teve na juventude, constata-se que a cultura francesa influenciou-o profundamente. Primeiramente na infância, período em que a língua francesa era falada cotidianamente no seu lar e a literatura consumida avidamente nas noites de solidão. Depois, quando Riva Agüero passou a frequentar o tradicional colégio La Recoleta, o contato com os escritos de Taine, de Charles Murras e outros pensadores franceses tornaram-se mais constantes e contribuíram para sua formação política. Ao ingressar na universidade, seus conhecimentos da literatura política e histórica da França impressionavam seus colegas e professores, influenciando decisivamente sua posterior produção intelectual¹.

Quando Riva Agüero começou a escrever seus textos que versavam sobre o nacionalismo, incorporou elementos históricos e sociais particulares a formação do Peru enquanto nação. Somados a teoria das raças absorvida da bibliografia francesa, o vitalismo e tradicionalismo da cultura alemã, Riva Agüero forjou seu conceito de “peruanidad” com a contribuição profunda da cultura incaica e com o direito pré-hispânico que vigorava no país antes da chegada dos espanhóis. Mas para Riva Agüero, a “peruanidad” é, fundamentalmente, o resultado da simbiose cultural e histórica entre o legado do império incaico (principalmente a contribuição da aristocracia incaica), o catolicismo e os elementos constitutivos da cultura hispânica.

Apesar do conceito de “peruanidad” aparecer ao longo da obra de Riva Agüero, foi nesses seis textos que serão analisados neste capítulo que a proposta nacionalista ganhou um tratamen-

to mais apurado, mediante o emprego de exemplos históricos que embasaram seu conceito de “peruanidad”.

FRANCISCO PIZARRO COMO SÍMBOLO DA *PERUANIDAD*²

Riva Agüero escreveu que o Marquês D. Francisco Pizarro, iletrado e prudente, o muito sagaz analfabeto, trouxe para o Peru, com o impulso heróico das armas, toda a grandiosidade da civilização de castela, herdeira indiscutível do legado romano. Para Riva Agüero, não é a primeira vez que, na história, a mera ação prepara as vias para o triunfo da inteligência, e a guerra engendra um superior ordenamento.

Segundo Riva Agüero, desconhecer as excelências religiosas e éticas, filosóficas e artísticas da grande cultura espanhola, que com os esforços de Pizarro e seus companheiros se tornaram presentes no Peru, seria uma enorme injustiça com o legado cultural herdado. Riva Agüero considera Pizarro o avô do moderno Peru pois, sendo soldado e fiel discípulo do grande capitão Hernán Cortés, construiu a “Alexandria do Pacífico”, a cidade de Lima, e lançou as bases de difusão da hispanidade nesse lado do continente.

Francisco Pizarro era filho natural do fidalgo capitão Gozalo. Foi criado por seu avô paterno, Regidor de Trujillo, como era costume na época. Pizarro só se ausentou da sua terra quando seu pai contraiu matrimônio. De acordo com Riva Agüero, pertenciam os Pizarro fidalgos, ainda que em seus ramos de segunda linhagem e pobres, à mais tradicional nobreza da Extremadura. Mas mesmo pertencendo à classe nobre, Francisco Pizarro morreu sem saber ler nem escrever. Segundo Riva Agüero, a condição de iletrado não era tão excepcional e desonrosa, levando em conta os arraigados costumes medievais. Até na França e na Alemanha a maioria dos militares não sabia nem assinar o próprio nome.

Mais uma vez, Riva Agüero retomou sua preocupação quanto à origem aristocrática dos protagonistas da história peruana. Assim como a demonstração da descendência nobre de Garcilaso de La vega foi uma constante para o escritor peruano, revelar a linhagem nobiliárquica de Francisco Pizarro lhe dava uma aura de superioridade que o diferenciava dos demais conquistadores e justificava seus atos na conquista das Américas em nome da civilização.

Amigo de Hernán Cortéz desde a ilha de São Domingos, Francisco Pizarro ascendeu depois a tenente favorito de Ojeda em Urabá e cartagena, e de Pedrarias em Darién, Tierra Firme, e encomendero muito bem situado nessa última região. Para Riva Agüero, seria ingenuidade supor que Pizarro não era impulsionado nas campanhas pela busca de bens materiais. Nas suas palavras, Pizarro também era motivado pelo “incendido proselitismo religioso, del fervor nacional y monárquico”³.

Analisando essa citação, percebe-se que Riva Agüero cometeu um anacronismo histórico. A idéia de nação como foi apresentada por Riva Agüero só surgiu no começo do século XIX⁴. A necessidade de Riva Agüero de encontrar “um fundador” da pátria levou a transpôr para o século XVI um conceito que só adquiriu força política três séculos mais tarde. Além disso, a tentativa de identificar religião, pátria e monarquia, fez parte da formulação política de Riva Agüero e não de Francisco Pizarro.

Segundo Riva Agüero, Francisco Pizarro não estava em idade avançada quando empreendeu a conquista do novo mundo, pois tinha apenas quarenta e seis anos em 1524. A conquista do Peru foi uma obra metódica, equilibrada e circunspecta de um homem que atingira sua maturidade. Ação de um “caudilho” em seu ápice da capacidade intelectual, sem arrebatamentos, extremismos nem atropelos. Porém, conservando e administrando as dificuldades com sobre-humana energia.

Em seu desejo de encontrar em Francisco Pizarro o líder político e espiritual da formação da nação peruana, Riva Agüero lhe atribuiu o conceito de caudilho, que significa liderança política e militar que passou a fazer parte da história política do continente latino-americano durante as guerras de independência⁵.

Quando analisou o massacre dos incas pelos seguidores de Pizarro, Riva Agüero fez uma defesa intransigente do conquistador espanhol. Escreveu que está provado, e é ponto capital, que quando foi montada a armadilha contra as forças de Atahualpa, lícito ardil bélico, os dois lados adversários se esmeravam em tramar recíprocas táticas de destruição⁶.

É sabido que a comitiva de Atahualpa trazia armas ocultas e que chegou propositalmente à noite, por acreditar que na escu-

ridão os cavalos não combateriam. E que, próximo ao encontro, estavam ocultas tropas quitenhas veteranas e muito bem armadas, para cortar a retirada dos espanhóis. Assim, para Riva Agüero, o aprisionamento e assassinato de Atahualpa não foi culpa de Francisco Pizarro, mas resultou da pressão dos seus comandados que temiam as forças indígenas.

Colocando no mesmo patamar de beligerância as duas forças antagônicas, Riva Agüero tentou nivelar as duas civilizações num bizarro jogo de espelhos. As pesquisas históricas mais recentes comprovam que os incas eram imperialistas e estavam no auge do seu vigor expansionista, como analisamos no primeiro capítulo. Mas colocar no mesmo grau de lógica destrutiva as duas civilizações é tentar isentar os espanhóis do genocídio praticado contra os povos das Américas, que está abundantemente documentado por contemporâneos da conquista e estudiosos posteriores⁷.

Además, a los ojos del patriotismo documentado, y hasta del puro sentido común, Atahualpa no puede ser nunca el héroe símbolo de la peruanidad, sino muy al contrario, vociferen lo que quieran la ignorancia y la ciega pasión. Atahualpa es el torvo usurpador forastero, el invasor fementido, que viene de a región quiteña a destronar y asesinar a su hermano el monarca legítimo e cuzqueño e a profanar las tumbas imperiales⁸.

Atahualpa aparece como um pretense tirano que almeja usurpar a coroa do seu legítimo herdeiro, o príncipe cuzquenho Huasca. Para Riva Agüero, Atahualpa era um estrangeiro, pois havia nascido na cidade de Quito, rival de Cuzco. Mas Francisco Pizarro também era originário de um outro país, e mesmo assim Riva Agüero considerava-o “fundador da pátria”.

Isso ocorreu por duas razões: em primeiro lugar, Quito é a capital de um país fronteiro com o Peru, e ocorreram vários conflitos por questões de terras envolvendo os dois países. No seu projeto de “peruanidad” não caberia um herói fundador oriundo de um país rival. Em segundo lugar, o Peru só alcançaria a plena formação mediante a integração total e subordinada à cultura hispânica. E Francisco Pizarro foi, para ele, o instaurador desse processo civilizatório.

Para Riva Agüero, ao se reabilitar a figura de D. Francisco Pizarro, cumpre-se um dever de peruanismo. Nas suas análises sobre os feitos de Pizarro, aparecem a determinação e eficácia com que ele defendeu contra todos a integridade territorial do país, inclusive contra a Coroa espanhola. Segundo Riva Agüero, Pizarro teve empenho constante para fundir na sociedade peruana as influências indígena e espanhola. Por isso, foi o autêntico criador do Peru atual, hispânico e católico, que formam a estrutura da nacionalidade.

Ao elogiar a obra civilizadora de Francisco Pizarro, Riva Agüero está se contrapondo aos críticos da conquista espanhola. Buscando o momento exato do início do processo cultural que edificou a hispanidade na América Latina, encontrou no conquistador do Peru o agente da instauração da civilização entre os incas. Ao descaracterizar Atahualpa como herdeiro legítimo do império inca, resta a figura de Francisco Pizarro como o precursor da civilização, responsável pelo posterior patriotismo peruano.

O patriotismo de Riva Agüero é, na verdade, uma identificação completa com a Espanha tradicionalista, colonizadora, desvinculada do liberalismo enciclopedista herdeiro do iluminismo. Seu nacionalismo elegeu não um índio ou um mestiço como principal símbolo e inspirador da nação, mas um conquistador espanhol, responsável pelas artimanhas políticas e investidas bélicas que apressaram a derrocada do império incaico e marcaram indelevelmente a história do Peru, com suas distâncias sociais e o abismo cultural que cingiu fortemente o país em dois blocos antagonicos.

Para llegar a este integral y consciente hispano-americanismo, que es el nuestro y debe ser la substancia común de todos los patriotismos en la América española, y en especial la entraña animadora del Perú, cuantos perjuicios hemos tenido que vencer, cuantos harapos filantrópicos y populacheros hemos tenido que aventar muy lejos, con merecido desdén! Bajo la estéril capa de arena de los decrepitos lugares comunes liberales, de crasos errores, voluntarios y renitentes, de ilogismos demagógicos, de retóricos oropeles mil veces trasnochados, deslustrados y mustios, amontonados por la rutinaria o falsificadora tradición dieciochesca y enciclopedista, de libros y textos mendaces, he-

mos tenido que excavar afanosos para que al fin brotara, freca y limpia, la verdadera tradición, la vital, la genuina, la atávica, única fuente perene y salubre de lozanía y de fecundidad para los pueblos y las razas que no quieren renegar miseramente de su espíritu, de su paterna sangre, y de sus destinos asequibles y claros.⁹

PERÍODO COLONIAL E A FORMAÇÃO DA NAÇÃO¹⁰

Segundo Riva Agüero, em muitos artigos de jornais e revistas, assinados por intelectuais de reputação, aparecem análises em que se atribui caráter feudal às antigas encomiendas dos séculos XVI e XVII e estabelecem relação direta com a origem dos latifúndios do século XX. Para Riva Agüero, esse fato leva muitos intelectuais a empregarem abusivamente o termo feudalismo para caracterizar um período da história peruana. Nem toda divisão de um território conquistado entre os militares vencedores, ou entre simples indivíduos da “raça” dominante, engendra por necessidade o fenômeno feudal.

Este se caracteriza por um conjunto de condiciones y de vínculos que no se han reunido muchas veces en la História: identidad entre el poder político y la propiedad raíz, dependencia de ésta del homenaje y de la obligación del servicio militar, gradación o jerarquía entre los distintos feudatarios para dicho homenaje y los servicios de los respectivos vasallos¹¹.

Segundo Riva Agüero, nenhuma dessas características enumeradas se encontrava na encomienda colonial. Não houve hierarquia nem mútuos vínculos de prestação de serviços entre os encomenderos. Não tiveram jamais jurisdição civil nem criminal, como ocorreu nos senhorios da Espanha. Ocorreu que, durante o vice-reinado, na linguagem coloquial, os encomenderos eram chamados de feudatários e os índios de vassalos.

Nessa questão da existência do feudalismo no Peru, Riva Agüero foi bastante arguto ao apresentar as características que demonstraram a impossibilidade histórica da transferência de uma instituição européia para a América Latina. Mesmo se prendendo aos aspectos jurídicos, revelou a fragilidade dos argumentos que apontavam a vigência de um feudalismo no Peru.

Mas as críticas de Riva Agüero não deram lugar a uma análise na qual ficasse demonstrado o funcionamento da encomienda e seu papel no desenvolvimento da economia durante o vice-reinado. Preocupado apenas em se contrapor à tese feudal defendida por José Carlos Mariátegui, Riva Agüero limitou-se a criticá-la e esvaziar seu conteúdo histórico, não apresentando uma interpretação alternativa que justificasse sua oposição à versão da existência do feudalismo.

José Carlos Mariátegui, en su estudio sobre el problema de la tierra, llega hasta afirmar que las encomiendas fueron abolidas después de la independencia (Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad peruana, pág.48). Ignora que lo fueron por Real Cédula de 12 de junio de 1720, nada menos; y atribuye de esta manera las disposiciones legislativas del Rey D. Felipe V a San Martín, Bolívar o Gomarra¹².

Riva Agüero escreveu que com a implantação da República no Peru houve uma onda de estrangeirismo no direito peruano, responsável pelo afastamento do direito hispânico. A organização incaica, sobrevivente nas comunidades indígenas, foi reconhecida pelo governo de Leguía (1919-1930). Mas o que ocorreu foi uma generalização da tese coletivista entre os intelectuais de esquerda. Os socialistas descreviam o coletivismo agrário como um verdadeiro comunismo originário e universal, que antecedeu a apropriação particular, gentílica ou doméstica das terras.

Lo que parece comprobarse, muy al contrario de lo proclamado con interesado ahinco por los vulgarizadores del bolcheviquismo, es que las más de tales organizaciones colectivistas proceden de la propagación y expansión de la familia. El propietario verdadero, el clan o gentilidad, es un grupo de consanguíneos, por agnación generalmente¹³.

Para Riva Agüero, o Peru não se exime desta regra de derivação familiar. A prova disto é que, ao existir dentro de um *ayllu*¹⁴ forasteiros ou índios mitimaes¹⁵, não se apresentam como proprietários, e sim como servidores desprovidos de todo direito territorial, seja qual for o tempo que esteja na comunidade, ao menos que tenha estabelecido laços sangüíneos com o *ayllu* mediante o casamento.

Segundo Riva Agüero, por mais inusitado que pareça, no Peru arcaico houve iniciativas de propriedade estritamente familiar e até pessoal, entre curacas e os nobres cuzquenhos. A propriedade individual não teve um florescimento linear, pois enfrentou resistência por parte de alguns imperadores e foi incentivada por outros.

Depois da abolição legal das comunidades indígenas, em consequência dos decretos de 1824 e 1825, da lei de 1828 e do Código Civil de 1852, o coletivismo das comunidades indígenas sofreu substanciais modificações. A forma primitiva de repartição das terras em lotes familiares após a colheita ficou restrita a distantes e minoritárias comunidades. A repartição que se generalizou foi a que entregava ao camponês um lote por toda a vida. Em contrapartida, aquele camponês que recebeu o lote teria que dar uma contribuição em dinheiro ou produtos para a comunidade.

Opondo-se aos socialistas contemporâneos, que tinham como modelo de sociedade o império inca, Riva Agüero escreveu:

364

Del colectivismo no subsiste en los referidos casos sino el recuerdo, la asociación para las fiestas, o en las faenas comunes de puentes, caminos y acequias (mingas). Reconstituir allí la propiedad colectiva, fuera de las tareas cooperativas acostumbradas, sería un tiránico capricho arqueológico¹⁶.

Com essas palavras, Riva Agüero pretendeu descaracterizar a permanência dos costumes coletivistas incaicos na sociedade colonial peruana. Seu objetivo, além de se opôr aos socialistas, foi desvirtuar qualquer interpretação da história peruana que apresentasse com importância a contribuição da cultura incaica na formação do Peru. Para Riva Agüero, o sentido da colonização consiste no aniquilamento da herança indígena e a difusão da civilização ocidental no país.

Riva Agüero escreveu que a estrutura jurídica do Peru se amelhava às casas edificadas na região da costa. Com materiais baratos e frágeis, pintadas com fortes cores, essas habitações têm uma fachada aparatosa, que mistura adornos pegadiços de madeira e gesso, clássicos, churrigueracos¹⁷, modernistas e até góticos. Essa mesma soma de estilos diferentes se dá no interior da

residência. Os seculares huacas incaicos alternam com as mobílias francesas e com afetações do passado *art nouveau*.

Continuando sua construção metafórica da sociedade peruana, Riva Agüero escreveu que, mesmo não chovendo no litoral, as construções imitam as estrangeiras, tendo seus tetos cobertos e revestidos de telhas. Mesmo não havendo frio nem propriamente inverno, são erguidas lareiras simulando os ambientes europeus. Na sua cruzada nacionalista, Riva Agüero propôs o rompimento com esse processo de extravagante “extranjerización” e retornar ao estilo castiço das primeiras edificações.

Numa nítida alusão ao fascismo, que adquiria força política no cenário europeu, Riva Agüero afirmou que o Peru deveria se fortalecer com o exemplo dos mais intensos e triunfadores do nacionalismo, e se inspirar cautelosamente nele. A organização corporativista que se instalara na Itália com a ascensão de Mussolini que, segundo Riva Agüero, era respeitosa com a propriedade privada e o bem-estar dos empregados e operários, servia de modelo para aqueles que exerciam a atividade jurídica com tino, reflexiva moderação e atenção às legítimas originalidades do país.

Precavámonos contra la Igualdad estéril y movediza, contra la uniformidad arremolinada, que es la de las arenas del desierto. Paz social por la restauración de los sentimientos de patriotismo, de tradición, y de subordinación justa e razonable; propender a lo real y a lo posible y sincero, y nó a lo literal, declamatorio y fingido; anhelar la solidez, labrar la independencia y personalidad de las instituciones; esa es la orientación orgánica e histórica, la de las épocas y los países que subieron de veras enunciar, precisar y mantener sus leyes, y la que expresa por sí la efectiva mayoría de edad de un Derecho y de una Patria¹⁸.

NOTAS

¹CALDERÓN, Francisco García. *José de La Riva Agüero: Recuerdos*. Lima, Imprensa Santa Maria, 1949.

²RIVA AGÜERO, Jose de la. “*Francisco Pizarro*”. In *Afirmación del Perú*. vol. 01, Lima, Instituto Riva Agüero, 1960. Esse texto resultou do discurso pronunciado em 26 de junho de 1941, quando ocorreu a incorporação de Raúl Porras Barrenechea a Academia Peruana Correspondente da Real Española de La lengua, dirigida por Riva Agüero. Foi publicado em folheto no mesmo ano, intitulado Homenaje a Francisco Pizarro. Nesse trabalho, Riva Agüero analisou o papel do

conquistador espanhol no processo de incorporação do Peru ao império hispânico, ressaltando seu caráter de protagonista da civilização européia no continente americano, tornando-se assim num símbolo da nação peruana que estava nascendo. Nesse texto, Riva Agüero estabelece o vínculo entre a conquista espanhola e o surgimento do patriotismo, tomando Francisco Pizarro como símbolo do nacionalismo peruano.

³AGÜERO, Riva. *op. cit.*, p.147.

⁴HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

⁵PINTO, Julio Pimentel. *O caudilhismo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

⁶AGÜERO, Riva. *op. cit.*

⁷TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

⁸AGÜERO, Riva. *op. cit.*, p.150.

⁹AGÜERO, Riva. *op. cit.*, pp.144-145.

¹⁰RIVA AGÜERO, Jose de La. *“Alguns aspectos do direito no Peru”*. In *Afirmación del Perú*. vol. 01, Lima, Instituto Riva Agüero, 1960. Ao tomar posse como decano do Colégio Advogados de Lima, em 1935, Riva Agüero pronunciou uma conferência em que realizou uma análise sobre os aspectos jurídicos de algumas instituições peruanas. Preocupado em relacionar a história do direito peruano com os acontecimentos políticos contemporâneos, Riva Agüero estudou as instituições sob a ótica de um nacionalismo corporativista. Por se demonstrar um ardoroso defensor de regimes políticos fortes, e admirador confesso do fascismo italiano, Riva Agüero utilizou seus conhecimentos de história e do direito para, nesse texto, se contrapor explicitamente aos intelectuais socialistas peruanos. Nesse texto, Riva Agüero recupera elementos do direito incaico para corroborar sua afirmação da importante contribuição da cultura incaica ao nacionalismo peruano.

¹¹*Idem*, p. 230.

¹²*Idem*, p. 231.

¹³*Idem*, p. 233.

¹⁴Unidade agrícola e social básica do império inca, equivalente a aldeia.

¹⁵Índios deslocados pelo Estado inca para outras regiões com o sentido de povoar outras regiões ou como punição por terem se sublevado.

¹⁶RIVA AGÜERO, *op. cit.*, 1960, p. 235.

¹⁷Relativo ao estilo arquitetônico espanhol introduzido no Peru por Churiguera, Ribera e seus seguidores nos primeiros anos do século XVIII e com o passar dos anos transformou-se em sinônimo de mau gosto.

¹⁸AGÜERO, *op. cit.*, p. 237.